

Alguns vocábulos de origem árabe

Os presentes estuozinhos não passam duma modesta contribuição para o futuro *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Representam uns o produto de algumas reflexões à maneira como têm sido explicados os respectivos assuntos, outros constituem autênticas novidades para os dicionários.

Não são nem pretendem apresentar-se como trabalhos definitivos, mas apenas como simples sugestões.

Como se verá, estudam-se vocábulos de natureza lexicológica e alguns topónimos; um há (*çoda*) que tem uma feição especial mas que foi vulgar em certas regiões da Península no século XIV. Pareceu-me digno de alguns comentários, por isso o introduzi nesta colecção onde só pretendi, em princípio, estudar palavras portuguesas. Passe a excepção.

Alcorão não traz novidade etimológica; o Prof. David Lopes já a tinha explicado satisfatoriamente; eu apresento apenas materiais novos que, segundo eu penso, podem justificar ainda mais a doutrina do Mestre.

I. Alarido

Duarte Nunes de Leão¹ dá esta palavra como uma das nativas, das que não foram tomadas às línguas de outros povos. Sousa, baseado em Gólio, admite um *الاريد* (*al-arirū*), gritaria confusa. Diez (*Dict.*, 416) deriva de *atarir*. Dozy julga ver neste vocábulo a evolução do verbo *غرد* (*garada*), que no árabe clássico significa *cantar* (um pássaro) e no Magrebe é *gritar, uivar*. *غرد* (*garada*) poderia explicar facilmente, por intermédio de uma forma *غريد* (*garīd*), o port. arc. *algarido* que é atestável nos *Scriptores*²: «Dando grandes *algaridos* e poendo sas espadas de toda sa força...».

¹ *Origem*, cap. XVI, p. 61.

² P. 187.

Recentemente C. C. Rice na *Language* (x, p. 27) pretendeu dar como origem da forma luso-espanhola o basco *alarao*; além de não apresentar provas suficientemente convincentes para apoiar essa nova hipótese, não citou *algarido* e portanto, em minha opinião, a sua explicação não serve.

E *alarido*?

Quando geralmente em português aparecem duas formas divergentes que assentam numa palavra árabe e elas variam apenas numa alternativa na mesma sílaba entre *ga* e *a*, pode-se fundadamente pensar numa forma originária onde exista um ع nessa sílaba. É o caso, por exemplo, de *aravia* e *algaravia*: ambas derivam de عربية (*arabīa*): a primeira da forma sem artigo; a segunda, porém, já o apresenta.

Em consequência disto julgo poder propor uma nova explicação: o radical عرب (*ard*), que está em *alarde*, além de *revista militar* ou *chamada de soldados* pode significar ainda *barulho, tumulto*; a palavra عربى (*arid*), derivada dali, significa *largo, amplo, abundante*, mas podia muito naturalmente designar também, em consequência das acepções daquela palavra, a multidão das tropas e ainda o barulho que delas partia principalmente no momento do ataque ou depois de alcançada a vitória. É interessante observar que a palavra empregava-se quasi sempre para designar o tumultuar das tropas: «... e dando grâdes *alaridos* como mouros cuydando espan-tar...», *Condestabre*, p. 71; «... blandindo suas Azagayas, e dando muy grandes *alaridos*, como gente ousada e segura da victoria...», *Azurara, Cron. D. Duarte de Men.*, p. 137. Estes *alaridos* eram uma característica das tropas mouriscas; muitos autores acentuam êsse facto ao narrarem batalhas onde os agarenos tomavam parte¹.

¹ Cf. por exemplo êste expressivo passo de Bernardo Rodrigues: «Os mouros .. voltãdo com grande grita, e carregãdo tantos sobre Dom Fernando que o não pudêrão poer a cavallo», *Anais*, I, p. 39; e ainda estes passos cheios de movimento e ruído: «hãa elrey acompanhado, vindo esta gente, a qual dava tamanhos gritos e *alerydos*, e batião com as adargas, os cavallo rynchavão, os alyfantes ysso mesmo, que parecia que a cidade se sovertia, os montes e vales com toda a terra tremia com os muitos tiros de foguos e espingardas, e ver as bombas e lanças de foguo hir pellos campos, hera cousa muyto pera veer; verdadeiramente parecia que aly estava todo mundo junto desta maneyra», *Cr. dos Reis de Bisnaga*, p. 113; «... a gente não cansado de dar seus *allaridos*... com suas gritas, e bater de adargas, e bolir de frechas nos arcos, que não se podem contar, que verdadeiramente tão fora de mÿ estava, que me parecia ser visão o que vya, e que passava aquillo em sonhos», *idem*, p. 114.

Em francês arcaico havia *aride*¹, grito de guerra dos sarracenos. Para se estudar a forma ibérica esta não deve ser posta de parte, porque tanto na forma como no sentido julgo-a comprovadora da minha explicação. Não a reputo como iberismo porque na forma francesa não nos aparece o artigo, como sucede na forma corrente na Península. Para exemplos de palavras hispánicas de origem árabe que entraram no francês com artigo: *aljunge*, *alcôve*, etc.

Para terminar não quero deixar de citar o facto de Duarte Nunes de Leão² apresentar *alardo*, tal como fez para *alarido*, como um «dos vocabulos que os Portugueses... não tomarão de outras gentes».

Eduardo de Lisboa, *O Dicionário do Sr. Nascentes e o REW*, p. 25, faz um apanhado das explicações que têm aparecido acêrca desta palavra.

2. Alcorão, tórre, almenara

Estamos na presença dum vocábulo estranho. Não há dúvida que era sinónimo de *almenara*: «Ha nas cidades da Persia altas e soberbas mesquitas com *alcorões* que correspondem ás nossas torres dos sinos, tão levantados que se vão ás nuvens», Godinho³; «e no *alcorão* da mesquita mandou arvorar huma bandeira e pôr dez homens para vigiarem dali o campo», Albuquerque⁴; «a segunda maneira de *Alcorão* he o que responde antre elles á torre dos sinos», Fr. Gaspar de S. Bernardino⁵; «... a qual cidade... é mui sumptuosa, e ornada de muitos *alcorões*, que são tórres de suas mezquitas», Fr. João dos Santos⁶. Os exemplos são ás dezenas; David Lopes⁷, Gonçalves Viana⁸, Dalgado⁹, Morais¹⁰, Bluteau¹¹, etc., muitos

¹ Não sei onde encontrei esta palavra; perdi a respectiva indicação. Na *Cançaço de Roldão* (vv. 3526-27) alude-se à algarzarra com que os mouros costumam arremeter:

Cil d'Océant i braient et henissent,
Arquille si cume chen i glatissent.

² Obra e local citados.

³ *Relação*, p. 100; cit. por DALGADO, *Glossário*, s. v.

⁴ *Comentários*, I, cap. 21; idem.

⁵ *Itinerário*, p. 9; cit. por GONÇ. VIANA (*Apostilas*, s. v., *minarete*).

⁶ *Etiópia Oriental*, liv. v, cap. 16.

⁷ *Alguns vocabulos*, p. 4 e sgs.

⁸ *Palestras*, p. 9; *Apostilas*, II, p. 144; *Ortografia*, p. 224.

⁹ *Glossário*, s. v.

¹⁰ *Dicionário*, s. v.

¹¹ *Vocabulário*, s. v.

apresentaram. Muitos mais existem; eis alguns: «Ha muitas mesquitas, e *alcorões* muy altos de cantaria, e pedra lavrada, cousa de admiração», Tenreiro¹; «em todas as çidades porque passei vy todos os *alcoroens* quebrados e rotos...», Mestre Afonso²; «Estava no seu baluarte... Fernão Carvalho... descobrja delle a moor parte da cidade, hũa noynte... vio grande reboliço nella, de tochas e lumjnarjas, nunca acostumadas e vião entrar e sajr nas misquitas... e ouvya fãobê bradar nos *alcorões* grande espaço, ho qual... lhe pareceo máo jndicio...», *Hist. do cerco de Dio*, p. 42.

Não há dúvidas portanto sôbre a significação: *alcorão*, além de designar o livro santo dos muçulmanos, designava ainda as tórres das mesquitas onde os almuédãos iam lembrar as horas das orações e apregoar a guerra contra o infiel. Os escritores que empregavam o vocábulo jamais o empregaram para designar os campanários das igrejas cristãs. Um exemplo tirado dum autor acima citado: «Sooamente tem ygrejas (a cidade e reino de Caraemite, onde, segundo êle, tinham estado gregos) sem telhados, e *campanayros* onde parece que estavam sinos», Tenreiro³.

Os templos de outras religiões também tinham as suas tórres. À primeira vista o proselitismo religioso dos cristãos podia não distinguir as tórres dos edificios onde se venerava Alá ou outra divindade qualquer, porque tudo estava no êrro, na escuridão do paganismo. Mas não. Quando se dizia ou escrevia *alcorão* tratava-se sem dúvida de mesquita.

E para os outros?

Observava-se então um fenómeno curioso: a palavra que designava a tórre das igrejas cristãs, servia também para os outros templos. É por isso que Fernão Mendes Pinto ao descrever os edificios religiosos da China, por exemplo, escreve coisas como estas: «... sobre hum teso que a terra fazia para a banda do Leste, appareião hũs edificios com sete frontarias de casas a modo de igrejas, todos dalto abaixo, quanto a vista podia alcãçar, cozidos em ouro, com suas torres muyto altas, que segũdo o que parecia, devião de ser *campanayros*⁴. . . » e ainda: «cassi andarão todos em procissão á roda do terreyro com estes desentoados clamores por espaço de hũa

¹ *Itinerário*, p. 29. Na p. 15 também ocorre, mas êsse passo já tinha sido citado por DALGADO na obra citada. Cf. ainda no *Itinerário* as pp. 55 e 82.

² *Itinerário*, p. 182. Cf. p. 188.

³ *Itinerário*, p. 56.

⁴ *Peregrinação*, III, cap. 73.

grande hora, tangendo sempre muytos sinos de metal, & de ferro coado, que fora do terreyro estavão postos em *campanayros*¹. . .».

Mais adiante, também para templos chineses, chama-lhes *torres de sinos*².

Du Cange também conheceu a palavra *alcorão* e registou-a sob a forma *alcoranae* e *alcorana*; explicou-a assim: «turriculae sunt fanorum apud Mahumedanos, e quibus a religionis suae ministris statis positis ad orationem excitantur» e exemplifica com um passo curtíssimo tirado de um certo «Wicquefort, *Ambass. de Figuera*. Quere dizer que houve autores estrangeiros que também conheceram o vocábulo; na verdade o *Hobson-Jobson* cita um passo das *Travels* de Herbert: «Some (mosques) have their *alcorani* shigh, slender, round steeples or towers, most of wich are terraced near the top, Like the Standard in Cheapside, but twice the height».

Mas, ¿qual a etimologia dêste vocábulo?

David Lopes e Gonçalves Viana ocuparam-se em tempos com elle na «Revista Literária», de *O Século*³. A nenhuma conclusão definitiva chegaram.

O *Stanford Dictionary* pretende derivá-lo de *al-qorūn*, os *cornos*, ou *al-qirān*, os *vértices*. Ora no *Ajbar Majmua* há êste passo: «... e estava decretado que combatesse (Hanthala, general de Hixem) e vencesse primeiro a um dos exércitos (dos berberes revoltados), no sitio chamado *Al-karn*; foi em seguida contra o outro⁴. . .». No texto a palavra que designa o local da batalha é القرن *(al-qarn)* que Lafuente y Alcántara, editor, anotador e tradutor da obra, explica como uma «colina cercana á Kairewan» e manda conferir a *Histoire des berbères* de Iben Caldúne, traduzida por Slane. Sendo uma colina é um ponto algo elevado⁵. Na realidade قرن *(qarn)* significa *pico*, *cume*, *ponta* e pode ainda designar qualquer altitude; segundo o dicionário de Kazimirski esta palavra pode até começar muitos nomes de lugar. O passo apontado pode servir de exemplo. O plural

¹ *Peregrinação*, ibidem, cap. 90.

² «... vimos trinta casas postas em cinco ordões, seis em cada ordem, as quais tambem erão muyto compridas & muyto bem acabadas, com *grandes torres de sinos de metal & de ferro coado*. . .», cap. 95.

³ De 26 de Março de 1906.

⁴ P. 47 da trad. e ṽ do texto árabe.

⁵ Na *Histoire de l'Ajrique sous la dynastie des Aghlabites et de la Sicile sous la domination musulmane* de Iben Caldúne, o tradutor, Vergers, cita em nota na p. 102 um passo de um ms. do mesmo autor árabe onde o nome daquela localidade é القرن *(al-qarna)*.

dessa palavra é القرون (*al-ḡorūn*): a forma que o *Stanford Dictionary* apresentou. Esta explicação seria na verdade muito tentadora, mas antes necessário se tornava demonstrar que o emprêgo da palavra era corrente nas partes orientais na acepção de *almenara*, o que não me parece provável.

A explicação, segundo eu penso, é outra. Já foi apresentada com alguma reserva pelo Prof. David Lopes nos seus *Alguns vocábulos arábico-portugueses de natureza religiosa, étnica e lexicológica*¹. Eis o que diz o mestre: «Não conheço a origem d'êste vocábulo, a não ser que seja o mesmo que designa o livro santo. Estou em erer que é assim. Do alto da tórre o pregoeiro pronuncia palavras do alcorão e chama à oração; daí *tórre do alcorão* e por fim simplesmente *alcorão*».

Escrevi êste artigo porque encontrei um passo dum autor seiscentista, grande viajante no Oriente, que diz o mesmo. Trata-se de Pedro Teixeira; êle andou por lá, lá ouviu a palavra e talvez tivesse tido a curiosidade de investigar a origem do vocábulo; vem citado êsse passo no *Suplemento do Glossário* de Dalgado. Ei-lo: «At sunrise we saw that part of Bagdad which is in Mesopotamia, first of all the *alcorans*, which being very lofty and the land pretty level, are visible at four leagues' distance. . . And for that their Book is called *Koran* or *Alcoran*, and the same name is given to the places whence it is set forth»; mais adiante (p. 64), como que para desfazer qualquer confusão, diz: «We saw two high *minaras* or *alcorans*».

Quere dizer: segundo Pedro Teixeira, *alcorão* (tórre) deriva de *alcorão* (livro). A explicação parece-me sedutora, pelo menos emquanto não aparecer outra melhor.

Os *Anais de Arzila* falam duma aldeia marroquina a que o autor chama do *Alcorão*². ¿Existiria lá alguma *almenara* que desse nas vistas a ponto de dar o nome à povoação? A ser assim era um interessante caso de emigração vocabular (chamemos-lhe assim), visto que julgo ser a mesma palavra que se usava no Oriente; se isto é verdade são estes os primeiros testemunhos dêsse fenómeno, pelo menos que eu saiba.

A propósito ainda de *Alcorão* devo acrescentar que, segundo Cândido de Figueiredo³, «dá-se êste nome, em algumas povoações

¹ P. 5.

² «... e todas as outras aldeas que estão ao derrador da aldeia do *alcorão*, que está abaixo do arriê da Atalaia Alta...», p. 107; «... e defronte de ãa destas aldeas, que chamamos do *Alcorão*...», p. 247.

³ *Dicionário*, s. v.

do Alentejo (Extremoz, Évora, etc.), ao sótão que serve para arrecadação de trastes velhos». Pelo facto de se tratar de um sótão ¿estaremos por ventura num caso de analogia?

3. Alfjarje, alfarja

Segundo Cândido de Figueiredo a primeira palavra significa: a) «Moinho de vento»; b) «Diz-se de um estilo peninsular de artes decorativas, caracterizado por labores multiformes». *Alfarja*, diz o mesmo dicionarista, em Trás-os-Montes é um «grande vaso de pedra, em que gira a roda que mói a azeitona». Estas significações estão próximas das espanholas apontadas por Engelmann e Dozy. O primeiro dá como etimologia القرش (*al-farc*) que embora só significasse, segundo Cobarruvias, «stratum, sagulum», na Península significaria, segundo o autor do *Glossaire*, «une sorte de pavé sur lequel était placé la pierre inférieure du moulin». Além da alteração semântica um tanto forçada, sou obrigado a pôr esta explicação de parte porque também é difícil a transformação do ش em g (=j)¹. Dozy, por sua vez, explica o nome do aparelho por الحجر (*al-hajar*), a pedra; evidentemente que o sentido e a fonética enchem de dificuldades essa explicação; para o estilo artístico apresenta a mesma palavra que Engelmann apresentara para a engrenagem.

¹ Na Toponímia há um caso interessante que à primeira vista pode parecer uma evolução de ش para g (=j): *Alfange* em Santarém. Aquele nome nada tem que ver com o do instrumento bélico; não passam de formas convergentes. Essa convergência no entanto deu-se, em minha opinião, por um fenómeno de analogia: o nome do sítio era الحشش (*al-haux*), a cobra, por causa das inúmeras curvas do caminho. Na narrativa latina *De Expugnatione Scylabis*, publicada nos *Scriptores*, aparece a explicação: «A parte vero australi propter praecipium quod fit ex natura terre quasi hyantis, et in abyssum euntis, vocatur alhause, idem coluber, eo quod nullo possi adiri modo, nisi per anfractus, et quosdam meandros» (p. 94, col. 1). Cf. BLUZEAU, s. v., *alhafa*. No *Cancioneiro da Ajuda* existem duas canções (278 e 279) de autor desconhecido que, nos refrões, se referem a êsse local:

Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al é *Alfaux* e al sesorigo!

e

que m'aj' entenda o por que digo:
Al é *Alfaux* e al sesorigo!

Cf. o que a sábia editora dêsse *Cancioneiro* diz no vol. II, p. 447; HERCULANO, *Hist. de Port.*, II, p. 309. e DAVID LOPES, *Arabes em Herculano*, p. 56. DUARTE GALVÃO, na *Crónica de D. Afonso Henriques*, também se refere a essa localidade

Wilhelm Giese (*Zeit. rom. Phil.*, LIV, p. 119) em crítica ao trabalho de Wilhelm Bierhenze, *Ländliche Gewerbe der Sierra de Gata*, diz que o português *alfarja* não vem do «arb. *Faras*...», mas do arab. *العجيرة*, *pedras*¹. Evidentemente que esta explicação é inaceitável.

Ora em Beaussier e outros dicionaristas encontra-se uma forma que, a meu ver, explica perfeitamente estas: *الحرج* (*al-harj*), *aparelho, engrenagem, equipagem* e ainda *enseites, bordadura, guarnição de passamanaria*. Trata-se pois de um vocábulo que é atestado no Ocidente e que a Fonética e a Semântica não se opõem para o apresentar como étimos de *alfarge* e *alfarja*. A palavra árabe, pelo seu duplo significado, satisfaz perfeitamente e mostra que as duas formas são apenas divergentes de uma palavra árabe que passou intacta de sentido para português.

A diferença dos sons finais (-a e -e) também tem a sua explicação: *alfarje* é o derivado directo de *الحرج*; *alfarja* pressupõe o nome de unidade respectivo *الحرجة* (*al-harja*).

4. Alforreca

Engelmann propôs para explicar esta palavra o árabe *الحرقاق* (*al-hurrāc*), «valde salsa (agua)». Evidentemente que a evolução semântica tem as suas asperezas difíceis de limar e sob o ponto de vista fonético acho pouco provável também: ficava por explicar a terminação -a do vocábulo português. A forma que o erudito arabista apresentou daria *alforeque*. Seria necessário o nome de unidade (*الحرقاق*).

A ser exacta a minha explicação o étimo está noutra lugar.

ao relatar a conquista de Santarém (p. 96). Em *Um documento a respeito do copeiro de D. Afonso II*, publicado por PEDRO DE AZEVEDO (*Rec. de Hist.*, vol. 1, p. 283), aparece-nos um «Juliano iulianiz de *Alfanxi*»; nos *Scriptores*: «Este Esteuam d'Auoym foy casado com dona Eixemea Esteueez filha d'Esteuam Soares d'*Alfanxe*», 319. O prof. Ruy de Azevedo no cap. 1 da *Introdução à História da Expansão Portuguesa no Mundo* (p. 49) cita um *Alfansi* em doc. de 1191. A propósito devo ainda acrescentar que em Granada existe um sítio a que chamam *Babelihans* de باب الحنش (*bāb al-hanx*), a porta da cobra.

Foi pois, segundo eu penso, a palavra *alfange*, espada (de *الخنجر*, *al-hanjar*), que fez *الحنش* tomar o mesmo aspecto. A forma normal em português seria *Alfanxe*, como nos aparece no documento acima citado.

Viterbo, *Elucidário*, s. v., diz que a palavra *alfange* «ainda conserva os vestígios de *alhanse*, ou *alansen*».

¹ A transcrição é *al-ḥajū*.

Como se sabe a *alforreca* é um dos animais que está provido do que se chama os *órgãos urticantes*. Quando se toca num desses animalejos são as propriedades provenientes daí que nos chamam a atenção ao ferir-nos irritantemente a epiderme. Chamaram, como disse, por uma interessante e justa associação de idéias *órgãos urticantes*. A *alforreca*, tam vulgar nas nossas águas, também está nessas condições e por ser talvez o mais geralmente conhecido de entre os animais com essa característica mereceu aos árabes o nome de الحُرَّايِقَة (*al-hurraiqā*) ou الحُرَّايِقَة (*al-hārīqā*), nomes de unidade de الحُرَّايِق (*al-hurraiq*) e الحُرَّايِق (*al-hārīq*) respectivamente. Ambas as formas significam *a urtiga*.

5. Aljarze (Beira)

Significa esta forma dialectal *campainha* ou *chocalho do gado* (Sousa). Cândido de Figueiredo dá, nessa mesma região, *aljorce*, *campainha*, *chocalho*, *que se põe ao pescoço das bestas*. Segundo o mesmo dicionarista, em Trás-os-Montes usa-se *aljaráz*, *guizo de cão*. No Alentejo há *arjóz*, *cuscavel* ou *guizo* (Pombinho Júnior, xxv, 70).

Sousa apresenta como origem a forma الجَرَّاس (*al-jarās*) que não aceito por causa da prosódia.

M. Leopold Wagner, na sua interessante e erudita critica à *Contribución* de A. Steiger (*V. K. R.*, vi, p. 292, nt.) apresenta الجَرَّاس (*al-jarās*) que encontrou em Marcel, s. v. *clochette*.

Não aceito também essa explicação. Tal como com a do autor dos *Vestigios* acho difficil de aceitar o recuo da acentuação.

Belot e Ben-Cedira, em compensação, forneceram-me uma palavra que me serve para explicar esta palavra: الجَرَّاس (*al-jarās*), *sino*, *balalo*, *guizo*. O seu plural é o que Sousa apresentou como étimo de *aljarze*. A passagem do *a* a *o* não é de difficil explicação não só por causa do *r* seguinte e ainda porque, como se sabe, o vocalismo arábico é fragilissimo. Segundo me informa um verbete havia no port. arc. a palavra *aljarze*. Onde ocorre? Não sei porque perdi a indicação. Mas a existir o *g* explico-o por assimilação do tipo *j-ç > j-j*. O esp. *aljaraz* que à primeira vista pode-se filiar no étimo de Wagner (الجَرَّاس) julgo-o a evolução do mesmo ascendente das formas portuguezas, com deslocação de acento. A forma *arjóz* apresenta a evolução *l* do artigo para *r* como em *armazém*. O *r* devia ter-se assimilado ao *ç*.

6. Almancil¹

É com este nome que se designa uma povoaçãozinha situada a 8 quilómetros de Faro. O nome completo é S. João de Almancil.

O aspecto da palavra parece indicá-la como de origem árabe.

Emílio Garcia Gomez num artigo que publicou na revista *Al-Andalus*² intitulado «*La «Qasīda Maḡṣūra» del Qartaḡanni*» dá uma lista de nomes geográficos que ocorrem na obra. Segundo diz o eminente arabista³ um topónimo ocorre no verso 392 da obra (que não consegui ver) e refere-se a uma localidade de Múrcia ou Cartagena.

A forma árabe que aí aparece é المصيل (al-maḡīl). Esta palavra relaciona-se com a raiz صال (ṣalā), que significa *couler, liquide, ri-rivière, sang, bougie, larmes, etc. Couler, couir, s'écouler, fluir, ruisseler* (Vacaussier); *couler; ruisseler; être tout couvert (de sueur)*, (Ben-Cedira); *couler (eau)*, (Belot). المصيل (al-maḡīl) significa *un courant d'eau; conduit d'eau* (Beaussier).

Ora na referida povoação algarvia há um sítio denominado *Vale Formoso*, onde ainda hoje é atestável a existência de um antigo rio que daria o nome à povoação. Julgo esta circunstância como algo probatória da base naquela forma arábica.

Esteves Pereira, na eruditíssima *Introdução à Vida do Abba Samuel do Mosteiro do Kalamon*⁴, fala-nos do martírio do aba Pisoura no tempo de Diocleciano. O *Auto do Abba Pisoura* existe incompleto e escrito em copto⁵; é precisamente no sítio que falta que se devia dizer o nome da localidade donde o mártir era bispo; mas na tradução árabe dessa ebra existente na Biblioteca Bodleiana de Oxford⁶ vê-se que era a cidade de *Maḡīl* (Esteves Pereira escreve *Masil*); a forma árabe é مصيل (maḡīl)⁷ que julgo nada ter com o nome que explica o da localidade algarvia.

¹ As informações que dou no decorrer deste artigo da povoação algarvia devo-as ao meu primo Sr. José Nunes de Sousa, falecido logo após ter tido esta gentileza. Que estas palavras sirvam para exprimir os meus agradecimentos e uma eterna saude.

² Vol. 1, t. 1.

³ Na p. 103 do referido vol. 1, t. 1 do *Al-Andalus*.

⁴ Lisboa 1894.

⁵ Foi publicado por HYVERNAT, *Les actes des martyrs de l'Égypte*, 1, nas pp. 114 a 134.

⁶ *Bodleian Library*, ar. Huntingt. 470, 1, fl. 100, r. Cf. AMÉLINEAU, *La géographie de l'Égypte à l'époque copte*, p. 243, nota 5.

⁷ Estas informações colhi-as tôdas na citada obra do grande orientalista português, que ainda faz mais algumas considerações sobre essa cidade que não

7. Almoeda

Cañes dá como étimo do espanhol *almoneda* a forma arábica المُنَادِي (*al-munādī*), gritador público, pregoeiro dos leilões. O sentido não explica a palavra satisfatoriamente; a fonética ainda menos; a forma resultante seria *almunede*; a terminação *-a* das duas formas peninsulares ficava por explicar.

Engelmann dá المُنَادِيَة (*al-munādīya*), *venda pública*, que faria pressupor as formas romances *almonadia*, *almoedia* que não conheço.

Dozy prefere المُنَادِي (*al-munādī*) que, à semelhança do que succedeu por exemplo com *maravedí*, daria *almonadí*.

Por estar mais próxima da forma luso-espanhola proponho a forma المُنَادِيَة (*al-munādīya*) que significa *proclamação, anúncio, leilão*.

Independentemente de poder contar com a fonética, tem ainda ao seu lado a semântica, visto que *leilão* (também de origem árabe) diz quasi o mesmo que *almoeda*.

Como é natural, a palavra é atestável desde muito cedo em documentos portugueses. Dois exemplos: «... contoulli como metyam A quintaa do seu jrnhao ã *almoeda*...», *D. Urraca (Arg. Hist. Port.*, p. 7); «... e nos queremos fazer *almoeda* dos Judeus...», *Hist. de Vespasiano*, p. 89.

O que faz a *almoeda* é o *almoedeiro*. A forma arcaica desta palavra é *almonedeyro*: «Ningun almonedeyro que se alçare a vomezeyro...», *Leges*, 853.

8. Aluquete

Nos *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, publicados por Pedro de Azevedo, aparece em três passos a palavra *aluquete*: «... desfechara o *aluquete* da cadea com hũa chave feitiça...», I, p. 215; «... lhes fugira hũu Joham Dominguez que hia diante ao cabo da cadea porque desfechara ho *aluquete* que levava com que a dita cadea hia fechada...», idem, p. 224; «... e com a dita chave desfechara ho *aluquete* que a dita cadea levava», idem, p. 232.

Significava *fechadura, cadeado*. Encontrei a palavra registada, entre outras obras, nas *Apostilas* de Gonçalves Viana (s. v. *aloquete*) e nos *Subsídios* de Cortesão.

transcrevo para aqui por me parecerem fora do propósito do meu trabalho, mas isso não me impede de para lá remeter o leitor.

Gonçalves Viana diz no local citado que *aloquete* «é uma forma derivada com *a* prostético, variante da palavra *loquete*», o que não me parece, porque, como vamos verificar, naquele *a-* julgo ver a representação do artigo arábico.

Na minha opinião esta palavra deve derivar de *القَطَّ* (*al-luqāt*) que significa *tenazes, pinças*. Será, portanto, uma forma divergente de *alicate*.

Dozy¹ quis explicar esta palavra. Na sua devida altura remete para *alquaquida* que Engelmann derivara «de *الوقيد* (*al-waqūd*) que Marcel traduit par *allumette*», mas Dozy prefere *الوقيدة* (*al-waqīda*) que, seguindo P. Alcalá, significa *mecha para encender*. Evidentemente que esta explicação também não satisfaz, não só por causa do sentido, como a Fonética não a ajuda muito.

A explicação de *alicates* foi dada por Dozy, que diz: «Il est singulier que M. E.² ait oublié ce mot, dont l'origine arabe avait déjà été indiquée assez bien par Marina et par Sousa. M. Defrémery observe qu'il vient de *القَطَّ* (*al-laccāt*); et Boethor *tenailles*, et le mot *mīcāt, pince*. *Laccāt* se trouve aussi chez Dombay».

9. Alvissaras

No meu trabalho a *Fala da moura das «Cortes de Júpiter»*³ mostrei a minha relutância pela etimologia geralmente citada de *alvissaras*: de *البشارة* (*al-bixāra*)⁴. É uma palavra muito usual em árabe; o sentido não se opõe à explicação, mas a prosódia não a pode admitir, visto que essa palavra levar-nos-ia a uma deslocação de acento inaceitável: tornar exdrúxula uma palavra grave, isto é, precisamente o contrário do que é normal.

O étimo deve estar pois noutro vocábulo.

¹ No *Glossaire*.

² ENGELMANN.

³ Publicado na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, v, pp. 221-250.

⁴ Esta etimologia foi apresentada por FR. JOÃO DE SOUSA nos seus *Vestígios*; com ela mostrou a sua justa rebeldia contra a hipótese de COVARRUBIAS, também defendida por BLUTEAU: queriam basear *alvissaras* no lat. *albities*, vestido branco. O autor dos *Vestígios* acha a «Etimologia extravagante por se não achar em costume antigo, nem moderno o vir o anunciador vestido de branco» e cita Duarte Nunes de Leão. Modernamente G. BAISR (*Rom. Forsch.*, iv, 408) contradisse qualquer explicação com base no árabe e propôs, à vista de *alvistra* correspondente ao vaso *albiristra*, *albiatra*, uma base *-brist* (citaç. de MEX. PIDAL, *Cid*, i, p. 197, nota).

Naquele trabalho já apresentei¹ um étimo que julgo ser exacto: البشري (*al-burra*). Trato agora dêsse assunto mais desenvolvidamente.

Continuo a admitir essa explicação; quanto ao significado da palavra árabe é que devo modificar um pouco a minha doutrina de então. Quando escrevi aquele estudo julgava que êste vocábulo significava *boa nova* e que tinha «função interjectiva tal como em português e em espanhol... Foi da interjeição que a palavra passou para o uso vulgar». Eu não tinha consultado Freitag. Por aí se chega à conclusão que البشيرة (*al-bizāra*) e البشري (*al-biarrā*) são mais ou menos sinónimos (ambos significam *laetus nuntius*). Gólio já dizia o mesmo. Essa sinonímia facilita a minha explicação.

Se a Semântica e a Fonética não se opõem, julgo que nada há mais que possa impedir a minha explicação: o étimo de *alvissara* é البشري (*al-bierrā*).

Acabada a questão etimológica passemos à ortográfica. Esta (claro está) deve basear-se naquela.

Alvissaras deve escrever-se com *ss* e não com *ç*. Gonçalves Viana já disse o mesmo², embora se apoiasse na etimologia que eu repilo, mas no entanto ambas os justificava.

Modernamente nota-se um grande incremento da forma *alviçaras*. É um erro. Costa Leão³ defende essa grafia. O principal autor que lhe serve de base é J. Joaquim Nunes⁴ que não era arabista; êste derivou *alviçara* de *al-biarrā*, mas não soube ou não quis demonstrar aquela grafia. O próprio Nunes (e com êle também Costa Leão) aduz algumas provas que servem perfeitamente para demonstrar o erro em que laboram: existia a forma «*alvixara* na lingua do séc. XVI». Um *x* pode dar *ç* regularmente? Não. O *ç* em palavras de origem árabe provém de س como *açueena* de السواعة (*aç-gūcāna*) e *açude* de السد (*aç-guddā*); de ع como *açôfar* de الصفرة (*aç-çofra*), *alaçor* de العصور (*al-açōr*); de ز como *açafrão* de الزعفران (*az-zaçfrāne* e *acepite* de الزبيب (*az-zebib*) e finalmente de ث como *açôrda* de الثردة (*ath-thurda*).

¹ P. 235.

² *Ortografia Nacional*, p. 113; na 1.^a edição do *Vocabulário* não se cita o vocábulo; seria talvez esquecimento, mas como tem *alvissarar* e *alvissareiro* vem a dar no mesmo; mas na 2.^a já vem *alviçaras* e *alvissaras*.

³ *Prontuário*, p. 26 da 5.^a edição.

⁴ *Gramática Histórica*, p. 190.

O *s* provindo de ش está por exemplo no antigo *abassi* (modernamente *abexim*) de حبشي (*habexi*), cujos *ss* ainda se conservam hoje na forma *Abissínia*.

Inversamente: o *c* (= *ç*) românico era em geral representado pelos árabes por س ou ص: *Cesar Augustu* era سرقسطة (*çaraçoçta*) donde o esp. *Zaragoza* e port. *Saragoça* cuja forma correcta seria *Çaragoça*. Na *Aljamia Portuguesa* do séc. XVI (publicada pelo Dr. David Lopes) سداد (*çidadi*) representava *cidade* e *fôrça* era فُرْس (*furça*) ou فُرْص (*farça*) e *Gonçalo* غُصَال (*guçalu*)¹.

O *s* românico representava-se quasi sempre por ش: شُور (*xinör*) aparece-nos equivalendo a *senhor*; شَبْر (*xabir*) a *saber*. A Toponímia também nos dá larga soma de exemplos que nos mostram êste mesmo tratamento pelos árabes na Península: *Sancta Irene* era شَتْرِين (*xantarín*) e daqui veio Santarém; *Sacris* e *Sancta Maria* (de Faro) aparecem sob as formas شَقْرِيش (*xaqrish*) e شَنْت مَارِيَّة (*xanta mária*) respectivamente². Como melhor exemplo cito dois passos dum documento em Aljamia espanhola e que vêm transcritos nos *Manuscritos arabes y aljamiados* de Ribera e Asin³: «*Lax loores*⁴ *ad Allah xendor de lax gentes...*» e «... *quiere decir: la xalbaiçion de Allah xea sobre borotrox; ex decir: açalemo alaiçum*».

Tudo isto serve para demonstrar a correspondência que havia entre *s* românico e ش. Portanto nada impede a evolução de *x* para *s* que é normal, ao contrário da de *x* para *ç* que é rara.

Alvíssaras deve-se escrever assim porque deriva duma palavra árabe que tinha ش na sílaba correspondente aos *ss*. Mas êsse fonema arábico deixou vestígios. Além da forma valenciana *alvíveres*, já citada por Dozy e depois por Gonçalves Viana⁵, temos ainda *albíxulas* e *albíxaras* em mirandês⁶ e *alvíveras*, *alvíxeres*, em Moncorvo⁷. Mendes dos Remédios no glossário da sua edição da *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel* cita *alvíxarava*. Ora êsse glossário, como tantos outros, padece do gravíssimo defeito de não indicar as páginas

¹ Cf. o meu trabalho já citado *A fala da moura*, etc., p. 236.

² *Idem*, p. 234.

³ P. 10.

⁴ É interessante que vem *loores* e não *loorex*, como seria de esperar.

⁵ *Ortografia Nacional*, loc. cit.

⁶ LEITE DE VASCONCELOS, *Est. de Fil. Mirand.*, I, 461.

⁷ AB. TAVARES TEIXEIRA, *Focubul. trasmentano*, s. v.

onde ocorrem as palavras nêle insertas. Como succede quasi sempre a quem procura uma palavra numa obra, não consegui localizar o vocábulo.

As formas com *s* são muito abundantes.

Costa Leão serviu-se de Madureira Feijó, Frei Domingos Vieira, Duarte Nunes de Leão, o *Novo Dicionário*, o *Contemporâneo* e o de Morais para documentar o seu *alviçaras*. Abundante bibliografia, mas de fraca qualidade para um assunto como êste; nenhuma das obras apontadas está em condições de responder concretamente a um inquérito desta natureza: a sua época e as deficiências doutrinárias que encerram impedem-nos de ser usadas pelos estudiosos com o fim para o qual Costa Leão as consultou. Só por intermédio de estudos capazes se pode chegar a uma conclusão definitiva e ainda por isto: como se sabe a distinção entre *s* e *ç* era um facto durante certo período da nossa língua. Por isso o melhor é verificar como então se escrevia esta palavra. Nada mais racional e sobretudo mais seguro. Basta só citar passos de autores dessa época e não de autores do século XVIII. Ei-los: «... pediu-lhe a *alviçara* do que mandara fazer...», F. Lopes, *Cr. D. Ped.*, p. 30; «Day *maluissaras* senhora / ja vay la de foz em fora», G. Vic., *Índia* (fl. cxcv); «Vasquo da gama lhe prometeo boas *aluisaras* ho dia que chegassem a Quíloa...», D. Gois, *Cr. D. Man.*, I, 76; «... pela certeza de tão boa nova pedião todos a sua merceeste *alviçaras*...», F. M. Pinto, *Peregrinação*, III, cap. 67; «... & foise caminho de Portugal pera ir diante dizer a elrey dõ Manuel como a Índia era descuberta, & ganhar as *aluisaras* de tam boa noua...», Castanheda, *Historia*, I, p. 91.

Como está demonstrado foi no século XVI que começou a confusão entre *s* e *ç*: com o presente vocábulo há um belo exemplo no *Itinerário* de António Tenreiro; aparece-nos duas vezes na mesma página, mas em cada uma delas com a sua grafia: «Hum tureo daquella companhia, criado daquelle senhor onde estávamos, vindo hum dia pera casa da cidade, me disse que lhe dêsse *alviçaras*, porque elle dera hũa moeda a hũa moura, que en hũa praça da dita cidade estava a ganhar dinheiro, e advinhava (*sic*) per sortes, e feitiçarias, pera que lhe advinhasse (*sic*), e dissêsse o que havia de ser feito de mim, e que ella lhe disserra que me haviaõ de soltar; e por tanto que lhe dêsse *alviçaras*: o que me a mim bem pouco satisfiez¹. . .»; mais adiante aparece-nos a palavra novamente e também por duas vezes, mas em ambas escrita com *ç*: «E por *alviçaras*

¹ P. 77.

daquellas novas dão aos mouros, e mercadores a estes, que o apregoãõ, dinheiro, assim como *alviçaras*, e esmola¹. . . ».

Portanto em autores dos séculos xv e xvi a forma que mais geralmente ainda aparece é com *ss*. Embora a confusão já começasse a ser observada na época quinhentista, a forma mais regular de então e a quatrocentista servem perfeitamente para mostrar que antes dessa confusão a vulgar era *alvissaras*. Junte-se agora a este argumento o dialectal.

Julgo que é já suficiente para mostrar a inconsistência dos argumentos de Costa Leão que, além de assentarem em autores duma época que já não observavam de maneira alguma a distinção entre *s* e *ç*, padecem ainda do grave defeito de terem fraco mérito filológico para servirem de testemunho à ciência moderna.

Acrescente-se que o próprio Nunes de Leão deriva *alviçara* (é assim que êle escreve) de *alburara*².

Cortesão já se inclinava para *alvissara* ou *alvissera*.

O esp. tem *albricia*. A palavra é antiga. No *Cantar de Mio Cid*³ já nos aparece na frase «*Albricia*, Alvar Fáñez, ca echados somos de tierra!»

O *c* pode à primeira vista lançar confusão na minha doutrina. mas Menéndez Pidal⁴ explica essa palavra de maneira que a minha explicação mantém-se: «su forma primitiva (de *albricia*) hubo de ser como la valenciana *alvisseres* y con pérdida de la vocal postónica *albisras*, Biblia Scio, Paralip. 1, x. 9, de donde con dislocación de la *r* viene *albriciás*, usado hasta por los textos aljamiados, Yucuf B 243; el grupo difícil *sr* se facilitó también con inserción de *t*: *alaistra*, Alex. 1603, 2489 (*alvistas* en Brasil, Miscell. Caix-Canello, p. 269), ó con restauración de la vocal como en el port. *alviçaras*».

10. Belcouce

Joaquim da Silveira occupou-se dêste topónimo na sua *Toponimia Portuguesa*⁵.

Cita várias formas arcaicas do nome. Segundo êle nas «inquirições inéditas de 1220-22» aparece a forma *Avalcozi*; êsse documento, conforme afirma o autor em nota, acha-se na Torre do

¹ P. 89.

² No texto *alburata*, mas é *gralha* decerto. É na *Origem*, cap. x.

³ Est. 2.

⁴ *Cantar*, 1, p. 197.

⁵ *Revista Lusitana*, xxiv, p. 202.

Tombo na gaveta 3, masso 10, n.º 7. Fui ao precioso arquivo para ver o documento, mas lá, o que tem essa cota, é da época de D. Afonso V e tem ainda a característica de não aludir a *Belcouce*. Chamo a atenção de Joaquim da Siveira para essa circunstância.

Apesar dessa distração, muitas variantes da palavra que deviam ser usuais no período arcaico da língua, nos são dadas nesse estudo. Não merece a pena repeti-las aqui. O que importa é a explicação do vocábulo.

Gonçalves Viana¹ diz que «esse nome deveria significar em árabe «no arco» (Balqaus)». Mas «no arco» o quê? Eis o que o autor da *Ortografia Nacional* se esqueceu de nos dizer, embora se pudesse defender com a tradução de «junto do arco» que, embora não fôsse muito propositada, sempre era melhor.

O sr. Joaquim da Silveira propõe *abualqaus* (= أبو القوس), «sitio do arco». A explicação parece-me engenhosa, mas sem dados que a tornem concreta. ¿Como se pode demonstrar que é esta a explicação mais provável e não outra? Deve ser difícil.

Levado por um passo citado pelo autor no seu douto artigo também apresento agora uma explicação.

O passo é este: *porta quae arabice dicitur Alcous*. Diz-se no estudo que é tirado duma cópia do Cabido de Coimbra².

Foi este passo que me fez a sugestão; é com elle que autentico a minha hipótese, em prejuizo das que têm sido apresentadas até agora que pecam em geral por falta de bases.

Porta quae Arabice dicitur Alcous. Não há dúvida que *Alcous* representa o árabe القوس (*al-qōṣ*)³, o arco. Todos concordam neste ponto e ainda bem.

¿Mas como explicar o *b-* inicial da palavra *Belcouce*?

Diz-nos o documento que se trata duma porta denominada por do *Alcous*, que, como já vimos, significa o arco. Nada mais natural do que chamar-se a essa porta a *porta do arco*. Ora *porta do arco* diz-se em árabe باب القوس (*bāb al-qōṣ*). Daqui chegou-se a uma forma **babalqoç* que, por uma naturalissima haplogogia, daria *Balqoç*, *Balcoce* e daqui ao *Valcouce* do Livro 3.º de *traslados dos pergam. que tem prazos avulsos*, citado por Silveira, é menos de um passo.

¹ *Apostilas*, I, s. v. *alcouce*.

² II, 466 v.

³ Não deve causar estranheza eu transcrever القوس por *alq-ṣ* e Silveira por *alqaus*; a minha transcrição tem o ṣ porque se trata de árabe vulgar; o clássico não serve para estas coisas. O -s não corresponde ao س, mas sim o ṣ.

Belcouce tem como forma anterior *Belcoyce* nos sécs. XV e XVI, mas antes havia *Valcouce* como se mostra na *Toponímia Portuguesa*. Portanto a forma vulgar antes daqueles séculos não era só *Avalcouze*. Esta seria apenas uma divergente, se essa leitura fôr exacta. Os documentos estão quasi todos em Coimbra e por isso não os posso consultar eu próprio. Nada mais fácil do que, em consequência de um lapsozinho, ler-se de *Avalcouze* a forma *davalcouze* que se desenvolveria em *da Valcouze*.

Mas isto é já secundário, porque, mesmo a verificar-se a presença dêsse *a-* inicial, ôle pode perfeitamente explicar-se como mais um caso de prótese.

II. Çoda

A estância 1510 do *Libro de Buen Amor* é:

«Fija, mucho vos saluda uno que es de Alcalá,
«Enbiavos una çoda con esto alvalá.
«El Criador es convusco, que mucho desto tal há:
«Tomatlo, fja señora». Diz' la mora: «Legualá!»

Faz parte duma colecção de estrofes que tem por tema *De cómo Trotaconventos fabló con la mora de parte del Arçipreste é de la respuesta que le dió*. Nas palavras que o poeta põe na bôca de *Trotaconventos*, embora romances, há alguns reçaibos moçárabes; as palavras da moura são tôdas em árabe.

A edição dos *Clasicos Castellanos* (de que me sirvo) vem enriquecida com eruditas notas de Julio Cejador y Frauca que comenta mesmo os passos arábicos. Em geral a doutrina é segura.

Foi a palavra *çoda* do segundo verso da estância acima transcrita que motivou estas notas.

Depois de mostrar que não há conformidade em alguns manuscritos na grafia desta palavra, pois uns põem *açodra* e outros *çodra*, eis os comentários do anotador: «¿Estarán estas voces por *cidra*¹. Poca cosa es para regalar á una mora; además que el convenir todos los códices en poner *çoda*, aunque corrompidamente los dos de ellos con una *r*, me hacen sospechar si será voz arábica. Supongo es el arábigo سُود *sughūd*, que al castellanizarse habia de sonar *sud* ó *sod*, pues el *ç* medial desaparece: *acerola*, *alarabe*, *alarde*, *alarife*, *alazor*, *laud*, *noria*. Vale buen agüero, buena dicha que se desea á

¹ Embora reconheça que aqui devia estar um ? não o penho porque Frauca também não o pôs.

uno, de سَاحِدٌ saghada ser próspero, dichoso, *labbā'ik wa saghdā'ik* estoy á vuestro serviço, *min saghadī* por dicha, *saghdī* dichoso. Son frases usadas en el árabe del norte de Africa, así como *saghad* por dicha, felicidad: *ghandu es-saghad* tiene dicha. *Enbiavos una çoda*, «os envia sus felicitaciones y saludos con este billete», que es lo que acaba de decir en romance: *Saludavos. . . , mucho vos saluda*, y lo de después: *El Criador. . . Dios sea con vos*, que él es muy bien afortunado».

Esta é a explicação de Frauca, mas, segundo eu penso, não é exacta.

Não há dúvida que a frase *enbiavos una çoda* deve ter um sentido semelhante a *os envia sus felicitaciones, y saludos*; mais: *recordação, lembrança*, pelo que a frase quero dizer *envia-vos uma recordação, uma lembrança*.

¿Mas que palavra é *çoda*?

Na minha opinião não se trata de um representante castelhano do árabe سَعْدَةٌ (*çaf'ode*), como diz Frauca, mas de سُدَّة (çōdā) que, segundo me informa Beaussier, além de significar *bile noire, atrabile*, significa também *mélancolie, affection mélancolique. Humeur mélancolique, sombre. Hypochondrie*. Portanto a *çoda* do passo de Hita, se representa como penso êste vocábulo árabe, designa *recordação melancólica*, qualquer cousa que de certo modo se pode comparar à *saudade*. E esta idéia da *saudade*, que nos surge neste momento, ainda se reveste de maior interêsse se se disser que João Ribeiro¹ pretendeu explicar a portuguesíssima *saudade* por êste vocábulo árabe. É uma explicação que nunca alcançou justamente apoio². A forma سُدَّة (çōdā) daria regularmente em português uma forma idêntica à que nos aparece em Hita.

A forma que João Ribeiro dá (*saudá*) é a clássica. É um costume péssimo em que caem quasi todos os estranhos aos estudos árabes mas que dêles se occupam: transcrevem as palavras de acôrdo com a pronúncia do árabe clássico (dada pela maioria dos dicionários) e não com a do vulgar como seria natural. *Saudá* é a transcrição mais ou menos exacta da forma clássica; mais certa seria *çaudā*. O ditongo *au* reduz-se em geral a *ō* na lingua vulgar; como prova temos a forma castelhana e os dialectos do Norte de África que

¹ *Curiosidades Verbais*, pp. 197-201.

² As explicações de *saudade* foram ultimamente reñoidas e devidamente apreciadas por KARL VOSSLER, no capítulo inicial do seu interessante trabalho *Poesie der Einsamkeit in Spanien*. Vol. 1, Munique, 1935.

podem perfeitamente testemunhar essa redução. Um caso idêntico é a palavra *açoute* que quasi todos insistem em explicar por *aç-çaute*. ; Mas há algum vestígio do ditongo? Julgo que não. O esp. tem *azote*. Esta forma e a portuguesa fazem prever um السُّوط (*aç-çôte*) e não um السُّوط (*aç-çaute*), como muitos querem. ; Até já houve quem desse *azzaut*?¹

A pronúncia hodierna desta palavra nas populações do Norte da África é precisamente السُّوط (*aç-çôte*), como se pode verificar no *Dictionnaire Arabe-Français* de Ben-Cedira, s. v., que apresenta a palavra vocalizada.

Mas voltando ao tema dêste estudozinho: julgo portanto que *çoda* no citado passo de Ilíta deriva de سودة (*çödū*); a fonética não se opõe; a semântica também não, porque o passo *enbiavos una çoda* parece-me dizer *envia-vos uma recordação*, significação esta que está muito próxima da que tem o vocábulo árabe que, como disse, designa uma *afection mélancolique* no dizer do dicionarista citado mais acima.

A palavra *çoda* ou *soda* também aparece a designar *dor de cabeça*². Era usual na antiga medicina. Também é de origem arábica. Tem a sua base em سُدَاع (*çudāc*), dor de cabeça, enxaqueca; do radical سُدِع (*çudī'a*), *ter dores de cabeça*.

12. Fato, rebanho; haveres; veste

Não é certamente necessário apresentar passos abonatórios do antigo e largo emprégo desta palavra nos nossos escritores na primeira acepção.

Não há dúvida que está intimamente ligada à forma espanhola *hato*.

Segundo A. Nascentes³ «Cortesão tira do esp. *hato*, de *hatajo* (do ár. *actao*, parte separada do *gado*). A Academia Espanhola não distingue do anterior e tira *hatajo* de *hato*. G. Viana tampouco distingue os dois vocábulos. Eguílaz para o esp. *hate* dá um árabe *hadd*, porção ou pitada, parte, em R. Martín».

¹ NUNES, *Crestomatia*, 2.ª edição, Vocabulário, s. v. Cf. também o que escrevi na nota 4 da p. 16 e ainda na citada *Fala da Moura das «Côrtes de Júpiter»*, p. 236, nota 4.

² Cf. o interessante artigo de ARNALDO STEIGER na *Vox Romanica*, II, p. 53.

³ *Dicionário Etimológico*, s. v.

Estas explicações não podem ser aceitadas: tôdas por causa da fonética e algumas delas têm a sobrecarregá-las dificuldades semânticas. O ideal, neste caso e em todos, seria encontrar uma explicação que satisfizesse as duas circunstâncias; difficilmente seriam combatidas.

Para o caso de *fato* (rebanho) julgo que encontrei um étimo que as satisfaz, ou pelo menos parece-me satisfazer.

Vejamos qual êle é:

Como se sabe *peixe* em árabe é حوت (*hūtu*); o colectivo desta palavra é حات (*hātu*). Beaussier dá-lhe justamente a tradução de *poissons*. Significará pois *cardume*. Ora o Prof. Max Leopold Wagner¹ explicou recentemente o português *alabão*, *alavão* do latim *allevamen* que significa precisamente também *cardume*. Quere dizer: a idéia do colectivo de peixes não é incompatível com a de gado; o *cardume* está próximo do *rebanho*: seres muito diversos em circunstâncias idênticas. Isto devia bastar para confundir não os seres, mas precisamente as palavras tradutoras dessas circunstâncias; essas palavras só eram diferentes porque... os seres o eram também; mas a tendência generalizadora do povo não tardou a reconhecer essa identidade de circunstâncias e passar a designá-las só por uma das palavras. Foi o que succedeu com o *allevamen* ao passar para *alabão*, *alavão*. O mesmo devia ter sucedido (se é boa a minha hipótese) com o *fato* (rebanho) derivado de حات (*hātu*), *cardume*, dos árabes.

Se é frágil esta hipótese não será sob o ponto de vista fonético. A semântica parece-me não se opor, tanto mais que há, como disse, um caso perfeitamente paralelo.

Embora o faça com muita hesitação não quero deixar ainda de assinalar êste facto: aparece em Gil Vicente, pelo menos duas vezes, a expressão *fato de gado* (*hato de ganado* quando escreve em castelhano); exemplos:

Conceiste a Juan domado
que era pastor de pastores,
Yo lo vi entre estas flores
con gran *hato de ganado*,
con su cayado Real...

Vem êste passo no *Auto Pastoril Castelhana*², mas pode ser acrescentado com mais êste da *Mofina Mendes*:

Mofina Mendes he ca
cum *fato de gado* meu³.

¹ *Alg. Arab.*, p. 432.

² Fl. 2 v da edição fac-similada da Biblioteca Nacional.

³ Fl. 22 v.

Tratar-se-á de um pleonasma com fins artísticos, ou de uma expressão ainda vulgar na língua popular da época?

A ser real esta segunda hipótese julgo que essa expressão mostra ainda na sua segunda parte o esclarecimento de que *fato* se tratava.

Aqui fica a sugestão.

Em Hita (est. 1011) aparece com a idéia de multidão: «En grand *hato* darie gran lucha é grand conquista».

*

Fato significa portanto no português arcaico e dialectal *rebanho*. A sua etimologia poderá talvez ser a que acabo de apresentar.

O rebanho representava uma riqueza mais ou menos apreciável conforme a sua quantidade e qualidade. Ainda hoje pelo número de cabeças de um rebanho se pode avaliar a fortuna do respectivo proprietário.

Em grande número de casos o gado constituía (e constitui ainda) a única riqueza de muitos indivíduos.

Não admira por isso que a palavra *fato* se empregasse para designar os bens de um indivíduo; em breve o sentido seria, como é natural entre pastores, o de *bens móveis*; os haveres em geral e tanto podiam ser os de uma pessoa como até a carga de um navio, como se verá em alguns exemplos apresentados mais abaixo¹.

Não conheço passos abonatórios de estas significações em autores portugueses anteriores a Gil Vicente.

Neste conheço vários exemplos, mas para não estar a avolumar, vou citar só estes tirados da farsa *Almocreves*:

VASC. Cujo he o *fato* Pero Vaz (?).

PERO. Dum filalgo, dou oo diabo
o *fato*, e seu dono oo elle.

VASC. Valente almofreyxe traz.

Fl. 230 r.

PAGE

Senhor o almocreve he aq̃lle
que os chocalhos ouço eu,
este he o *fato* senhor.

¹ Nesta explicação não deve ser posta de parte a etimologia do latim *pecunia*. Como se sabe a sua base está em *pecus*. *Pecunia* significava *riqueza*, primeiramente em gado, depois em geral e acabou por designar o dinheiro. Cf. Bréal e Bailly, *Dict. étym. Latin*, s. v. *pecus* onde se fazem considerações bem elucidativas sobre o que aconteceu em gótico.

FIDA. Ponde todos cobro nelle.

PERO. Uxtix, mulo do judeu,
o *fato* hu saa de por (?)

Fl. 231.

PAGE Senhor ali vem o *fato*
z estaa ha porta o almoereue
vede quem lhaa de pagar
isso tal que se lhe deue.

.....

Entra dentro o almoereue, & diz:

Senhor trouxe a frascaria
de vossa merce aqui
hi estam os mus albardados.

Fl. 231 v.

Já mais tarde Fernão Mendes Pinto forneço-me maior exemplificação: «... achey hũa caravella d'Alfama, q̃ hia com cavallos & *fato* de hum fidalgo para setuval...»¹; «... daly a treze dias... nos puseraõ outra vez em leilão com toda a mais presa, assi de *fato* como de artilharia que se tomou nas fustas, de que por então se fez bom barato...»²; «... & achãdo nella obra de quatrocentos Achês occupados no despojo dalgum pouco *fato* q̃ ainda nella (cidade de Malaca) avia...»³; «Feita esta justiça neste cossayro & nos outros, se fez inventayro do que o junco trazia, & se orçou a valia da presa em quasi quarõta mil taéis em seda, & peças de citim & damasco, & retrõs, & almisere (*sic*), a fora muyta soma de porcelanas finas, & outro *fato* que foy forçado queimar-se co junco juntamente, por não haver equipação para o marear»⁴; «... baldeando o *fato*⁵ da lanteaa dentro no junco, a varamos em terra para a espalmares, por nos ser necessaria para fazermos agoadas nas portas onde entrassemos»⁶.

Fato na acepção de veste é documentável já no *Libro de Buen Amor* do Arcipreste de Hita:

La vaquerisa traviensa
Dixo: «Luchemos un rato,
»Lyévate dende apriesa,
»Des buélvete d'aques' *hato*»⁷.

¹ *Peregrinação*, cap. 1.

² *Idem*, cap. 6.

³ *Idem*, cap. 28.

⁴ *Idem*, cap. 52.

⁶ *Idem*, cap. 55.

⁷ Est. 971.

- e «Beo un monte grande de muchos viejos çapatos,
«Quellas rrotas é paños rotos é viejos hatos,
«E veo las tus manos llenas de garavatas,
«Dellos están colgados muchas gatas é gatos»¹.

Com a acepção de vestes a palavra tem pois documentação antiga em espanhol. Em português antigo não posso documentá-la, mas não há dúvida que hoje tem emprêgo larguíssimo.

A mais antiga abonação que conheço vem em Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arcebispo*²: «quando se quis vestir sentiu a differença do *fato*».

Se fôr exacta a minha proposta, temos pois a seguinte successão semântica: *cardume* (em árabe) > *rebanho* (já em português) > *propriedade, bens móveis* > *vestes* em geral > *fato* (colecção de casaco, calça e colete). E assim se simplifica tudo o que se tem dito a propósito dos vários *fatos* demonstrando-se:

1. Que as três acepções da palavra (*rebanho, haveres e veste*) não são convergentes fonéticas, mas divergentes semânticas.

2. Que o étimo é o mesmo.

3. Que o étimo é o árabe حَات (hātu), *cardume*.

4. Que se invalidam tôdas as explicações apresentadas do entre as quais nenhuma ainda tinha merecido considerações sérias por parte dos estudiosos³.

13. Ginete

Dozy deriva esta palavra de زانَاة (*zanāta*), nome duma tribo berber que fornecia Granada de cavaleiros «qui étaient les plus fermes appuis de ces princes»⁴.

Acêrca da acção dêsses povos na política ocidental podem consultar-se a *História dos Berberes* de Iben-Caldune⁵; os *Prolegómenos* do mesmo⁶ e o *Cartaz*⁷.

Além da de Dozy outras explicações têm sido apresentadas; assim Díez (*Dic.*, 455) o grego γυμνότης, soldado armado ligeiramente, e Diefenbach de γίνος⁸.

¹ Est. 1472.

² I, 20.

³ Cf. a propósito o *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes, s. v.

⁴ *Glossaire*, s. v.

⁵ II, 541, 542.

⁶ Vol. I, p. 326.

⁷ P. 203 da tradução e 154 do texto arábico.

⁸ Cf. Dozy, s. v.

A hipótese de Diez ainda mereceu a confiança de Cândido de Figueiredo...

Embora não perfeitamente parece-me que Dozy está próximo da verdade, se é razoável a minha opinião.

Ginete teve uma significação diferente da moderna: não designava o *cavalo*, mas sim o *cavaleiro*. Passos exemplificadores:

Don Foão, que eu sei que á preço de livão,
vedes que fez ena guerra — daquesto são certão:
sol que viu os *genetes*, como boi que fer tavão,
sacudiu-s' e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via a Portugal.

Don Foão, que eu sei que á preço de ligeiro,
vedes que fez ena guerra — da questo sou verdadeiro:
sol que viu os *genetes*, como bezerro tenreiro,
sacudiu-s' e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via a Portugal.

Esta graciosa poesia, que eu copiei das *Lições de Literatura Portuguesa — Época Medieval*¹, de Rodrigues Lapa; é a n.º 1:558 do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.

Outra extraída da mesma obra que desta vez a foi tirar ao *Cancioneiro da Vaticana*².

o *genete*
pois remete
seu alfaraz corredor,
estremece
e esmorece
o coteife com pavor.

Vi coteifes orpelados
estar mui mal espantados
e *genetes* trosquiados
corrian-nos a redor
.....

Nestes versos alude-se evidentemente aos cavaleiros mouros oriundos das populações zenetes.

Mais um passo: «... e a terceira reguarda, e as outras duas azes o Ifante levava comsigo, dous mil e trezentos de cavallo, a fóra os corredores que agora chamam *gínetes*». Vem este trecho na

¹ P. 135. Acêrca desta poesia q. v. *Zeitschrift für romanische Philologie*, xxv, p. 300.

² N. 74.

*Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques*¹, de Duarte Galvão. Gonçalves Viana já o utilizara para fazer a mesma comprovação semântica nas suas *Apostilas*².

Dozy limita-se também a dizer que *ginete* significa «cavalier armé d'une lance et d'un bouclier» e só no fim do artigo nos diz que «les Espagnols, les Italiens et les Français ont aussi donné le nom de *cavallo ginete* (*Costes de Leon y de Castilla*, I, 619), *ginnetto*, *giannetto*, *genet*, à une espèce de cheval d'Espagne entier». Em português sucedeu o mesmo.

Ora é a expressão *cavalo ginete* que leva a pensar numa outra explicação da palavra um tudo nada diferente da de Dozy: um *ginete* (cavaleiro) como um *ginete* (cavalo, *cavalo ginete*) são autênticos nomes étnicos como português, inglês, árabe, etc.

Estes nomes étnicos representam-se em árabe pelos chamados nomes relativos que se formam acrescentando à palavra primitiva o sufixo *-تِي (-ī)* e assim um magrebino é مغربِي (*magrebī*) de مغرب (*magreb*), um lisboeta era لشبونةِي (*lisbōnī*) de لشبونة (*lisbōna*), etc.

Um zenetense não podia deixar de ser زانَتِي (*zanātī*) de زانَة (*zanāta*). De *zanātī* facilmente se chega a *ginete*.

Acrecente-se ainda que a forma proposta por Dozy não pode explicar a portuguesa sob o ponto de vista fonético: em vez de *ginete* daria *gineta*; ao contrário, a que eu proponho não se opõe a essa evolução.

14. Beilão

Ainda não se generalizou uma explicação aceitável para esta palavra, talvez porque Dozy e Engelmann não a encontraram.

Estudei-a em tempos. Encontrei uma forma árabe que me satisfaz plenamente. Guardei por algum tempo o meu achado. Embora o fizesse involuntariamente verifiquei há pouco que fiz bem: no nunca demais citado *Hobson-Jobson*³ encontrei a alusão às notas manuscritas de C. P. Brown onde se dá à palavra a mesma origem que então eu lhe tinha atribuído. Fiquei satisfeito por um lado, mas aborrecido por outro: verifiquei que, se havia erro no que eu concluía, não tinha sido eu o único enganado, mas essa explicação perdeu toda a originalidade.

¹ Cap. LII, p. 148, na edição da *Biblioteca dos Clássicos Portugueses*.

² Vol. I, p. 510.

³ S. v. *neelam*.

Mas como o *Hobson-Jobson* não é das obras mais folheadas entre nós, vou dizer qual é a explicação de Brown (dou-lhe a prioridade, porque se ocupou do problema primeiro do que eu) depois de ter pôsto os pontos nos *ii*: devia ser de العلام (*al-^{al}alām*), *estandarte, bandeira; aviso; tabuleta, anúncio*. O *a* do artigo caiu deixando o *l*, como sucedeu em *lezíria* (de um *alzezira* العجزيرة, *aljazira, a ilha*¹), *lacrau* (de العقرب, *al-^{al}aqrab*), *Loulé* do العليل (*al-^{al}alaia, a altura*)², *Larache* (de العرائش, *al-^{al}arair, a latada*), etc.

George Colin, nas suas *Notes de Dialectologie Arabe*³, diz esta palavra علم (*alām*) hispânica e a única usada ainda hoje em Marrocos⁴. Segundo afirma até em nota, Amador de los Rios, *Trofeos militares de la reconquista*⁵, cita essa palavra como existente nas inscrições dos estandartes dos Banū Marīne.

علم (*alām*) é uma forma do ocidente. Corresponde ao clássico e oriental علم (*alam*). O alongamento silábico é pois local.

Mas é difícil o aparecimento do ditongo no vocábulo português. Meditei mais e, neste caso, melhor; julgo que encontrei uma explicação preferível: de العلم (*al-^{al}alām*), que é sinónima daquela e mais vulgar. Esta já explica melhor o ditongo da forma portuguesa.

Esta palavra vem no *Dictionnaire* de Ben-Cedira.

A palavra portuguesa passou para o Oriente: originou no hindustani نیلام (*nīlām*)⁶ e no dialecto chinês de Cantão yélang⁷.

Passos abonatórios antigos em português: «... & tudo o que foy tomado em Mombaça que veo a monte foy vëdido ã *Leilão*, a quẽ por ele mais deu...», Castanheda, *História*, II, cap. XIII; «Gil Fernandes de Carvalho lhos aceitou, e logo se foi pôr na praça (de Cochim) a onde se fazem *leilões*», D. Couto, *Década* VI, X, 9; «... os sete que ficamos vivos fomos postos em *leilão* em hũa praça, onde todo o povo da cidade estava jũto...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 6; «... estavamos na praça para nos venderem em *leilão*...», *idem, ibidem*, mesmo cap.; «... a cousa acabou de estar

¹ Cf. DAVID LOPES, no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. V, p. 449.

² Cf. DAVID LOPES, *Os Arabes nas Obras de Herculano*, p. 38.

³ Publicadas na *Hespéris*, vol. X.

⁴ P. 106.

⁵ Madrid 1893. P. 116 e 127.

⁶ Sr. CLAIR TISDALL, *Hind. Convers.-Gram.*; *Hobson-Jobson*, s. v., *neclām*,

⁷ *Hobson-Jobson*, loc. cit., onde se dão mais formas.

de todo quieta, nos puseraõ outra vez em *leilão* com toda a mais pressa...», *idem, ibidem*, mesmo cap.; «Vêdo ... que lhes não servia eu para o officio que tinhão, q̃ era andarem sempre medidos na agoa pescando, me puseraõ em *leilão* por tres vezes, sem em todas ellas aver quem quisesse fazer lanço em mim...», *idem, ibidem*, cap. 24.

15. Marfim

No *Hobson-Jobson* (s. v. *Elephant*) diz-se, e muito bem, que a palavra árabe *فيل* (*fīl*), *elefante*, «is natural to connect with it the Spanish for «ivory» (*marfil*, Port *marfim*), but no satisfactory explanation has yet been given of the first syllabo of that word».

Durante algum tempo pensou-se na expressão *ناب فيل* (*nab fīl*), forma incorrecta por *ناب الفيل* (*nab alfīl*). Engelmann pôs essa explicação de parte. Fez bem; ela não serve. Foi pena não ter encontrado uma explicação, mas cita as formas *olmafi* em Viterbo e *almafil* em Du Cange.

Dozy aceita aquela expressão e diz que os espanhóis poderiam muito bem ter suprimido o *ma-* e mudado o *b-* em *m* e o *l* em *r*, mas mais prudentemente acaba por confessar que não sabe explicar também. Devia ter começado por aí.

Segundo Reinhardtstœtner (*Grammatik der Portugiesischen Sprache*, p. 92 nota) D. Carolina Michaëlis nos *Studien zur romanischen Wortschöpfung* (1876, p. 35) explicou *marfil* de *orfil*, *arfil* (do árabe *الفيل*) por influência de... *marmol*.

A palavra é antiga no português. Na fase arcaica da lingua aparecem as formas *marfil*¹ e *marfi*². Aquela é anterior a esta; segundo eu penso *marfim* surgiu de *marfi*, como Valadim de *بلدتي* (*baladī*). Foi o que succedeu com a palavra *alfim*, peça do jogo do xadrez³, do *الفيل* (*al-fīl*). Na *Corte Imperial* já aparece *marfim*: «... estauam outras duas cadeiras muy ricas e muy fremosas, hũa d'ellas de *marfim* e outra pedra que chamam labastro», nos *Textos Arcaicos* de Leite de Vasconcellos, p. 60.

¹ Cf.: «... asentados ã cadeiras d'ouro e de *marfil*, em sijam...», *Crestomatia Arcaica*, p. 67. No *Arcipreste de Hita*, também aparece essa forma: «Un *marfily* ochavado, nunca vistas mejor», est. 1267. É a forma espanhola.

² Cf.: «Fez aly el Rey hũa cadeira grande de *marfy* cuberta d'ouro...», *Inéditos de Alcobaga*, III, p. 18.

³ «No jogo do Xadrez he o elefante», *Novo Dicionario da Língua Portuguesa* composto sobre os que até o presente se tem dado ao prelo», Lisboa 1806.

Em minha opinião a explicação desta palavra é outra: tal como se disse no passo mais acima transcrito do *Hobson-Jobson* não há dúvida que em *marfim* está a palavra árabe que traduz elefante; mais: essa palavra vem acompanhada pelo artigo que, como em *armazém*, passou a *r*; temos portanto explicado tóda a palavra excepto um elemento inicial que na palavra portuguesa (e espanhola) está representado apenas por um *m*. Qual será êle?

Dente em árabe é سِنَّة (*çinn*) ou mais vulgarmente سِنَّة (*çinna*)¹. Esta é uma forma feminina.

É uma característica da lingua arábica que, ao imputar-se a alguma cousa ou a alguém uma qualidade, isso se faça geralmente acompanhando o que se imputa pela palavra أَبٍ (*abū*) se a pessoa ou cousa imputada é masculina, ou أُم (*um*) se é feminina. As expressões devem-se então traduzir por *o de, a de*, ou mais simplesmente (e se fôr possível) por um adjectivo: أَبُو كَرِيحٍ (*abū kerix*), *o da barriga, barrigudo*; أَبُو الْهَوْلِ (*abū al-ḥawl*), *o do terror, o terrificante*; اُمُّ قَرْقَرٍ (*um qarqar*), *a do coarar: o sapo*.

Ora para se designar o *marfim* dir-se-ia أُمُّ الْفَيْلِ (*um alfil*), porque, como vimos, سِنَّة (*dente*) é uma palavra feminina. Aquella expressão era portanto um sinónimo perfeito de عَاجٍ (*ʿāj*), *marfim*. Conforme se faz no árabe vulgar أُم (*um*) reduziu-se a م (*m*) sòmente, e é esta (a ser exacta a minha explicação) a origem do *m* da palavra *marfim*.

16. Sarrafo

Esta palavra está explicada. Dalgado² e Yule³ já trataram dela com segurança. Antes dêles Frei João de Sousa (*Vestigios*, s. v. *çarrafó*), também se occupou dela.

Não há dúvida que é o árabe صَرَّافٍ (*çarrāf*), *cambista* do verbo صَرَّفَ (*çarrafa*), *trocar* (moeda). É uma palavra usada hoje pelos europeus na China e na Índia e applica-se geralmente aos encarregados pelos bancos e firmas mercantis de verificar a qualidade dos dólares entrados nessas casas comerciais. A palavra aparece com freqüência em textos portuguezes dos séculos XVI e XVII; quem quiser verificar consulte as obras dos autores acima citados. Nos passos citados

¹ Assinalado por BEAUSSIER e BEN-CEDIRA pelo menos.

² *Glossário Luso-Asiático*, s. v.

³ *Hobson-Jobson*, s. v. «shroff».

ver-se-há que também era vulgar a forma *xarrafo* em obras nacionais e estrangeiras¹.

Esta nota foi escrita para pôr o estudioso de sobreaviso para um facto que acabo de verificar: na edição levada a efeito pelo Sr. António Baião dos *Itinerários da Índia a Portugal por terra* há um lapso que urge corrigir; ocorre êle logo no início (p. 5) do *Itinerário de António Tenreiro*; é neste passo: «... he tamanha a bondade do sítio, que sobre ser tão estéril, ha na cidade muitos, e muy ricos mercadores, e *carafos*, que cambaõ a moeda, e de grosso trato assim naturaes, como estrangeiros de diversas partes do mundo...». *Carafos* é *çarafos*, aliás *çarrafos* ou, como a ortografia moderna proscreeve os çç iniciais, *sarrafos*.

É pena que o Sr. Dr. António Baião deixasse escapar esta particularidade da 2.^a edição da obra do grande viajante português, impressa em 1565. Decerto teve a curiosidade de saber que palavra era esta; para isso consultou com certeza Dalgado ou o *Hobson-Jobson* que o elucidaram satisfatoriamente. ¿Porque não pôs uma nota explicativa daquela irregularidade?

Tudo o que seja esclarecer nunca é demais.

*

Em Ormuz havia uma moeda com êste nome: «Le monete di Ormuz sono *saraffi*, & mezzì *saraffi* d'oro i quali chiamano azar, eui vn'altra qualità di monete d'argento, che loro chiamano Sadi, de quali vale xx. vno *saraffo*, & x. vno azar», Ramuzio, 1, fl. 188 r.

17. Xamal

No *Itinerario de Mestre Affonso* occorrem estes passos: «... eu para me defiennder du vento pestilemçial como fogo que era o que nos mais atormentava, a que em ormuz chamãõ *xamal* e dizem que vem de bacorá e daquellas ilhas fijaras comarcans, me vestia debaixo hũ jubão de pano²...»; «Aly estivemos sempre com refresco de fruitas, nas coas calmas e vento *xamal* que nos mataua, que começaua sempre ao meio dia e acabaua eo sol³...». «Em todo o tempo

¹ «E ao *xarrafo* que tem cuidado de ver as moedas», SIMÃO BOTELHO, *Tombo*, 238; «En la mesme Ville (Goa) aux quarrefours des rues se tiennent les changeurs Indians Chrestiens appelez *Xaraffos*», Linschoten, *Histoire*, p. 39 (DALGADO).

² P. 138.

³ P. 140.

que durou este caminho des que nos deixou aquelle vento *xamál* ate chegarmos a este caixão, sempre tivemos grandes calmas de dia¹ . . . ».

É portanto o nome que se dava a um vento no Oriente, em Ormuz segundo diz o autor.

Não tenho dúvidas sobre a etimologia dêste vocábulo. É o árabe شمال (*xamál*), *norte*; na realidade o primeiro passo abona perfeitamente esta explicação: era um vento que soprava em Ormuz vindo, segundo se dizia, de Baçorá, cidade que se encontra ao Norte daquela onde se cobriu de glória Albuquerque.

Alguns livros consultados

- AFONSO (MESTRE). — V. Baião, *Itinerários*.
Ajbar Machmua. — V. Lafuente y Alcantara.
Annales Regum Mauritaniae a condito Idrisidarum Imperio ad Annum fugae 726
 ab Abu-l Hasan Ali Ben Abd Allah Ibn Abi Zer' Fesano. Edição de C. J.
 Tornberg; Upsala 1846.
 ASIN (MIGUEL). — V. Ribera (Julián).
 AZEVEDO (PEDRO DE), *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos publicados... sob a direcção de Pedro de Azevedo*; Lisboa 1915.
 AZURARA (GOMES EANES DE), *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes nos Incêditos da História Portugueza*; vol. III.
 BAIÃO (ANTÓNIO), *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, revistos e prefaciados por... I. — *Itinerário de António Tenreiro*. II. — *Itinerário de Mestre Afonso*; Coimbra 1923.
 — *História Quinhentista (Inédita) do Segundo Cêrco de Diu... publicada e... prefaciada por...;* Coimbra 1927.
 BEAUSSIER (MARCELIN), *Dictionnaire Pratique Arabe-Français*. Nouvelle édition, revue, corrigée et augmentée par M. Mohamed ben Chenob, Alger 1931.
 BELOT (J. B.), *Vocabulaire Arabe-Français à l'usage des Étudiants*; 3.^a ed., Beirute 1893.
 BEN-SEDIRA (BELKASSEM), *Dictionnaire Arabe-Français...;* nouvelle édition, Alger s. d.
 — *Dictionnaire Français-Arabe...;* nouvelle édition, Alger s. d.
 CAÑES (FR. FRANCISCO), *Diccionario Español-Latino-Arabejo*; Madrid 1787.
 Cartaz. — Ver *Annales Regum Mauritaniae*.
 CASTANHEDA (FERNÃO LOPES DA), *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*; nova edição, Lisboa 1833.
 DALGADO (M. SEBASTIÃO ROBALFO), *Glossário Luso-Asiático*; Coimbra 1919-1921.
Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções publicados de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato; Lisboa 1880.

¹ P. 169.

- DOZY et ENGELMANN, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*; Leida 1869.
- ENGELMANN.—V. Dozy.
- ESTEVES PEREIRA (F. MARIA), *Vida do Abba Samuel do Mosteiro do Kalamon*. Versão ethiópica. Memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas; Lisboa 1894.
- FENELL (C. A. N.).—Cf. *Stanford Dictionary*.
- FIGUEIREDO (CÁNDIDO DE), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*; nova edição, Lisboa 1913.
- GALVÃO (DUARTE), *Chronica de El-Rei D. Afonso Henriques*. Bibliotheca de Classicos Portuguezes; Lisboa 1906.
- GÓIS (DAMIÃO DE), *Crónica do Felicitissimo Rei D. Manuel*; nova edição... dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra 1926.
- GÓLIO (JACOB), *Lexicon Arabico-Latinum*; Lugduni Batavorum 1653.
- GOMES (EMÍLIO GARCIA), *Lu «Qasida Maqṣūra» del Qarḩāyami in Al-Andalus*; vol. 1.
- HERCULANO (ALEXANDRE), *História de Portugal*; 8.ª edição, Lisboa s. d.
- HITA (ARCIPRESTE DE), *Libro de Buen Amor*; edição dos *Clasicos Castellanos*, edição e notas de Júlio Cejador y Frauca, 2 vols, Madrid 1911-1913.
- IBN. KHALDOUN, *Prolegomènes Historiques* na colecção *Notices et Extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Impériale et autres Bibliothèques* (tomo 19, 20 e 21), Paris, Imprimerie Impériale 1862, 1865, 1868.
- LAFUENTE Y ALCÁNTARA (D. EMÍLIO), Colección de obras arábicas de Historia y Geografía que publica la Real Academia de la Historia; tomo primeiro — *Ajbar Machmûá* (Colección de tradiciones). Crónica anónima del siglo xi, dada á luz por primeira vez, traducida y anotada por —, Madrid 1867.
- LEÃO (ANTÓNIO DA COSTA), *Prontuário de Orthographia*; 5.ª edição, Lisboa 1934.
- LEÃO (DUARTE NUNES DE), *Origem e Orthographia da Língua Portuguesa*; nova edição correctea, e emendada, conforme a de 1784, Lisboa, Typographia do Pauroama, 1864.
- LOPES (DAVID), *Alguns vocábulos Árabe-Portugueses de natureza religiosa, étnica e lexicológica*. Separata da *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos* (*Rev. da Univ. de Coimbra*, vol. xi), Coimbra 1930.
- *Anais de Arzila*. Cf. Rodrigues (Bernardo).
- *Os Arabes nas Obras de Alexandre Herculano*. Notas marginaes de lingua e historia portuguesa. Separata do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa; vols. III e IV, Lisboa 1911.
- *Textos em Aljania Portuguesa*. Documentos para a História do dominio português em Safim, extrahidos dos originaes da Torre do Tombo; Lisboa 1897.
- LOPES (FERNÃO), *Crónica de D. Pedro I*. Com uma introdução por Damião Peres; Barcelos 1932.
- MACHADO (JOSÉ PEDRO), *A fala da moura das «Côrtes de Júpiter»* in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*; tomo v, p. 221.
- NASCENTES (ANTENOR), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*; Rio de Janeiro 1932.
- NUNES (JOSÉ JOAQUIM), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*; 2.ª edição, Lisboa 1930.

- PIDAL (RAMÓN MENÉNDEZ), *Cantar de Mio Cid*. Texto, gramática y vocabulário; Madrid 1908-1911.
- POMBINHO JÚNIOR (TENENTE), *Vocabulário Alentejano (Subsídios para o léxico português)* in *Rev. Lus.*; xxv, p. 53.
- RIBEIRO (JOÃO), *Curiosidades Verbaes*. Estudos applicaveis à lingua nacional. São Paulo 1927.
- RUBERA (JULIÁN), *Manuscritos árabes y Aljamiados de la Biblioteca de la Junta* (sc. para ampliação de Estudos e investigaciones científicas). Noticia y Extractos por los alumnos de la sección árabe bajo la dirección de... y M. Asín. Madrid 1912.
- RODRIGUES (BERNARDO), *Anais de Arzila*. Crónica inédita do século xvi... publicada por ordem da Academia das Sciências de Lisboa e sob a direcção de David Lopes; Lisboa 1915-1919.
- Scriptores*; Lisboa 1856.
- SILVEIRA (JOAQUIM DA), *Toponímia Portuguesa* in *Rev. Lus.*; xvi, xvii, xxiv, xxxiii.
- SOUSA (FR. JOÃO DE), *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*. Edição aumentada e anotada por Fr. José de Santo António Moura. Lisboa 1830.
- STANFORD (THE) DICTIONARY OF ANGLICISED WORDS AND PHRASES, by C. A. M. Fenell; Cambridge 1892.
- TENNEIRO (ANTÓNIO). — Cf. Baião, *Itinerários*.
- TORNBERG (C. J.) — V. *Annales Regum Mauritaniae*.
- VASCONCELOS (D. CAROLINA MICHAÉLIS DE), *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada; Halle 1904.
- VIANA (A. R. GONÇALVES), *Apostilas aos Dicionários Portugueses*; 2 vols. Lisboa 1906.
- *Ortografia Nacional*; Lisboa 1904.
- *Palestras Filológicas*; 2.^a edição, Lisboa 1931.
- VICENTE (GIL), *Obras completas de...* Reimpressão «fac-similada» da edição de 1562. Lisboa 1928.
- VITERRO (FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA), *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram...* Segunda edição, Lisboa 1865.
- WAGNER (M. L.), «Sobre alguns Arabismos do Português». *Biblos*, vol. x, pp. 427-453.

JOSÉ PEDRO MACHADO.